



Tiro Esportivo Paralímpico



MINISTÉRIO DO
ESPORTE



Entenda

O tiro esportivo adaptado é regido pela *International Paralympic Committee Shooting*. É baseado na modalidade olímpica do tiro – organizada e administrada pela *International Shooting Sport Federation* (ISSF) e possui as mesmas regras básicas, porém, com algumas adaptações necessárias à condição do praticante. Por exemplo: é permitido o uso de suporte para a arma (quando o competidor possui deficiência em membro superior) ou a possibilidade de atirar sentado (em cadeira de rodas ou outra cadeira comum) em caso de ser cadeirante ou paratleta com deficiência em membro inferior. O objetivo principal é, com um número pré-definido de tiros com rifle calibre 22 ou pistola pneumática, acertar um alvo estático e obter a maior pontuação possível. O alvo é constituído por dez anéis concêntricos e quanto mais central este for, maior será o valor da pontuação (variando de 1 a 10 pontos). Nos jogos paralímpicos existem duas fases: as etapas classificatórias e a etapa final. Nas primeiras somam-se as pontuações obtidas tanto em cada tiro quanto em cada etapa. Assim, os oito atiradores com melhores pontuações vão para a etapa final (e o score é zerado). Nesta fase, os finalistas com menores pontuações vão sendo eliminados gradativamente. No desfecho sobram, portanto, apenas dois disputando o título de campeão.

Em relação às provas, elas são distribuídas de acordo com as seguintes diferenças: o calibre da bala da arma – 4.5 mm ou 5.6 mm –; o tipo da arma – de ar ou de perfuração –; a distância em que o atleta estará do alvo – 10 m, 25 m ou 50 m –; a posição do competidor – em pé, sentado ou de bruços –; e o tamanho do alvo. As provas podem também ser masculinas, femininas ou mistas, além de individuais ou por equipe.

A modalidade aceita amputados, paraplégicos, tetraplégicos e deficientes locomotores competindo nas mesmas categorias. O que distingue um atleta do outro é baseado em um sistema de análise funcional que avalia quatro características: equilíbrio sentado, força muscular, funcionalidade do tronco e mobilidade dos membros. Após a avaliação o paratleta é inserido em uma das três classes existentes: SH1, SH2 ou SH3. A primeira destina-se ao competidor que possui deficiência em membro inferior ou superior, mas não tem comprometimento do membro que irá realizar a ação de atirar; ou ao atleta com comprometimento só de membros inferiores que necessita estar sentado durante a prova. Nessa classe existem eventos que utilizam o rifle e outros que usam a pistola. Já na classe SH2 encaixam-se os paratletas que possuem comprometimento de membro(s) superior(es) e não conseguem atirar sem o uso de um suporte (este pode ser um instrumento ou um assistente). A única arma para esse grupo é o rifle. E, por fim, a classe SH3, que é destinada aos paratletas deficientes visuais, utilizando apenas o rifle como arma. Nas paralimpíadas só estão presentes as classes SH1 e SH2.

Tal modalidade exige autocontrole, capacidade de abstração, equilíbrio, coordenação, concentração e precisão. Os treinamentos, além de trabalharem a técnica esportiva, exigem também o uso de exercícios respiratórios – que promovem um maior autocontrole e redução do estado de ansiedade – e exercícios para desenvolver a concentração. É um excelente paradesporto para reduzir o estresse, ganhar autoconfiança, adquirir concentração e, conseqüentemente, aumentar o bem estar e a qualidade de vida do praticante.

De melhor opção na guerra à prática esportiva

Desde que os homens travam guerras por territórios e poder há o uso de armas de concussão, arremesso e lâminas (armas brancas) e do próprio combate físico entre guerreiros. As armas de fogo surgiram entre os séculos XIII e XIV, já com fins bélicos, e revolucionaram os confrontos, pois permitiam que os inimigos fossem atingidos a uma grande distância.

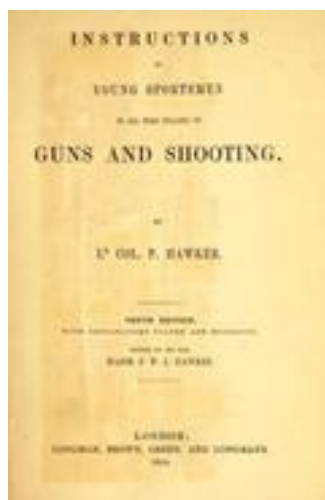


Surgimento das armas de fogo e substituição das outras armas usadas.

Disponível em:

<http://tabernadofauno.blogspot.com.br/2015/06/uma-breve-historia-das-armas-de-fogo_23.html>

uma prática esportiva. Apenas no XIX ocorreram as primeiras competições na Europa (especificamente na Suécia) e a publicação de um livro com as regras do novo esporte (Por Peter Hawker, na Grã Bretanha). A proposta era híbrida, respeitando tanto as técnicas dos militares quanto dos praticantes de caça no momento da criação da modalidade, uma vez que eram os principais adeptos do uso das armas de fogo e sabiam como manuseá-las. Em 1871 foi criado um órgão responsável pela organização e administração do tiro, a ISSF. A partir da fundação da entidade, a prática pôde estar presente já nas primeiras Olimpíadas – em Atenas, 1896.



Capa e contracapa do livro Guns and Shooting de autoria de Peter Hawker. Disponível em:

<<https://archive.org/details/instructionstoyo00hawk>>

situação de desequilíbrio de sexos no campo esportivo naquele período. Algo que era comum, inclusive, em outros esportes, devido à crença de que estes poderiam masculinizá-las. Portanto, no tiro esportivo adaptado, foi somente a partir de 1980 – Paralimpíadas de Arhem – que as categorias femininas apareceram oficialmente. Desde 1980, também há um sistema de classificação que analisa a capacidade do competidor e o insere em umas das classes vigentes. A partir de 1996, estabeleceu-se as três classes, mas presentes nas paralimpíadas apenas duas (SH1 e SH2), como anteriormente afirmado.

A modalidade adaptada é regulamentada e organizada pelo IPC *Shooting* e pela ISSF. Atualmente são cerca de 65 países praticantes desse paradesporto e, a partir dos dados paralímpicos, pode-se ver a evolução em termos quantitativos do tiro adaptado: em 1976 participaram 14 países, com 37 atletas em três categorias; em 1996 foram 32 países, 140 atletas e 15 categorias; e, em 2012, 44 países, 140 atletas e

Além da finalidade bélica, as armas de fogo passaram a ser usadas como instrumento em caçadas e até na defesa pessoal. Como era um artefato caro, ele passou a ser usado pelas elites como símbolo de distinção social. E a caça, não como uma necessidade, mas como entretenimento, passou a ser uma atividade de interesse das elites. Vide o caso, por exemplo, da tradicional caça à raposa em territórios reais na Inglaterra.

Não demorou muito para que surgisse o desejo de mensurar quais seriam os melhores atiradores. A partir dessa vontade e do tom fidalgo da prática, foi possível a criação de clubes de tiro. Porém, alguns séculos se passaram até que pudesse ser considerada

Anos depois, como ocorreu com várias modalidades olímpicas, pensou-se na criação da prática adaptada. Isto porque os benefícios do tiro esportivo eram vários, além de utilitários (ou seja, transcendia a prática esportiva), principalmente, na melhora da qualidade de vida de seus praticantes. A primeira aparição do paradesporto ocorreu nos Jogos de Stoke Mandeville – reconhecido evento anual para deficientes –, pouco antes das Paralimpíadas de Toronto (1976). Assim, já nesta Paralimpíada, os paratletas de ambos os sexos puderam participar do evento em busca de medalhas, pois todas as

categorias eram mistas. Porém, a adesão feminina, assim como na modalidade olímpica, foi pequena: 34 homens e apenas três mulheres. Isto aponta para a

12 categorias. Espera-se que, embora exista um limite de participantes e de categorias, cresça a prática paraesportiva no mundo por meio da divulgação nas paralimpíadas e demais eventos esportivos.

Trajetória paralímpica

Como consequência política da Segunda Guerra Mundial, o mundo foi polarizado entre as duas potências, Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em um período chamado de Guerra Fria. Já na década de 1970, 25 anos após o término da Grande Guerra, o mundo ainda sofria das suas consequências, ou seja, não estava em paz. Somente em 1975 a Guerra do Vietnã chegou ao fim, deixando, lamentavelmente, mais de um milhão de mortos e um número bem maior de feridos e mutilados. Mas, no mesmo ano, começara a Guerra Civil no Líbano. No âmbito latino americano, as ditaduras civis-militares de Brasil, Argentina e Chile atingiam o ápice da repressão. E foi neste clima de tensão global, que o tiro esportivo estreou nas Paralimpíadas de Toronto (1976). Nesta ocasião a arma de fogo foi usada de forma mais civilizada, pois servia apenas para avaliar a capacidade de precisão dos seus praticantes.

Neste evento, o selecionado que conquistou o primeiro lugar geral na modalidade foi o do Canadá, seguido pela Austrália e Israel na terceira colocação. Em 1980 nos Jogos de Arnhem, na Holanda, foi a primeira vez que pessoas com paralisia cerebral participaram do evento. No tiro paralímpico, a Áustria foi a grande campeã. Esta foi a única vez que o país da Europa Central conquistou o primeiro lugar. 1984 foi marcado pela divisão dos Jogos entre duas cidades: Nova Iorque (modalidades para deficientes visuais, amputados e atletas com paralisia cerebral) e Stoke Mandeville (somente as competições para atletas em cadeira de rodas). Na ocasião, quem se sagrou campeã foi a Austrália que atingiu a surpreendente marca de nove medalhas de ouro. Em seguida veio a Holanda e a França. Nos Jogos de Seul, na Coreia do Sul (1988), os donos da casa estavam preparados e motivados, vencendo a competição geral. Tal feito se repetiu em Sidney (2000) e em Pequim (2008), tornando a Coreia o país com mais vitórias no tiro paralímpico. Porém, apesar da Coreia do Sul ser uma potência no tiro esportivo adaptado, não é possível afirmar que exista uma hegemonia neste paradesporto. Nos Jogos de Barcelona (1992) a categoria feminina, que estava presente desde Arnhem (1980), deu lugar à categoria mista. Outro fato significativo que ocorreu nesta edição foi que, devido aos problemas políticos nas então União Soviética e Iugoslávia, tais países tiveram que disputar o evento sob a égide de Participantes Paraolímpicos Independentes (PPI) e Comunidade dos Estados Independentes (CEI). O PPI, conquistou o terceiro lugar. O primeiro colocado foi o selecionado da Alemanha, que conquistou dez medalhas, sendo cinco de ouro. Atlanta (1996) atraiu pela primeira vez grandes patrocinadores e, com o avanço das novas tecnologias e dos meios de comunicação, os Jogos tiveram uma repercussão global maior do que os anteriores. Essa é uma característica típica do processo de espetacularização que o esporte passou a partir dos anos 1990, se intensificando a partir do início do século XXI. A Suécia, que já havia conquistado o segundo lugar em Barcelona (1992), atingiu o auge, seguida pela Coreia do Sul. O país nórdico repetiu o feito em 2004, em Atenas, tornando-se o segundo país com mais conquistas no tiro paralímpico.



Recentemente, em Londres (2012), onde o evento foi aberto oficialmente de forma honrosa pela Rainha Elizabeth II, foi a vez da China surpreender, conquistando a primeira colocação geral. A melhor marca dos chineses tinha sido até então apenas um terceiro lugar, em Sidney (2000). A Coreia, vencedora da edição anterior, ficou com o segundo lugar, seguida pela França, que repetiu a mesma marca de 1984.

Rainha Elizabeth II na Abertura dos Jogos Paralímpicos de Londres. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/femail/article-2195487/Paralympic-Opening-Ceremony-No-skydiving-007-chaperone-time-Queen-Elizabeth-II-opens-14th-Paralymphics-nod-Games-60-year-B>>

A poucos meses dos Jogos do Rio (2016), é possível observar que o clima de tensão – tão característico no período da Guerra Fria, quando iniciou a disputa da modalidade tiro esportivo adaptado nas parolimpíadas – ainda permanece em algumas partes do globo: crises migratórias geradas por guerras civis/religiosas, ascensão de políticos com ideais fascistas, saudosismo de períodos ditatoriais, preocupação com atentados terroristas, enfim... Assim, a expectativa é que nos Jogos do Rio de Janeiro (2016), uma lição de união e paz, atinja a todos.

Fez história

Pensando na modalidade de tiro esportivo adaptado, um caso específico, ocorrido durante as Paralimpíadas de Atlanta (1996), ganhou destaque por celebrar tanto a emancipação da mulher no esporte, acentuado pela condição de representante de um país africano, a África do Sul. A paratleta Rosabelle Riese tornou-se a primeira mulher sul-africana a ocupar um lugar no pódio. Riese obteve a prestigiada medalha de bronze, após a sua surpreendente colocação na classe SH1, pistola de ar 10 m.

Além de representar seu país de maneira honrosa, também se evidencia como uma possível figura de inspiração.

Potência paralímpica

A Suécia vem se destacando desde o ano de 1980 no tiro esportivo adaptado, com um notável total de 48 medalhas. Em nove Jogos Paralímpicos de Verão, consecutivamente, o país conquistou 17 medalhas de ouro, duas medalhas de prata, e nove medalhas de bronze. Esse resultado expressivo contou com a ajuda do paratleta Jonas Jacobsson, primeiro deficiente físico a receber o prêmio mais significativo do esporte sueco, o Svenska Dagbladet Gold Medal. Sempre presente no pódio há 36 anos, o país buscará manter esses expressivos resultados também no ano de 2016, no Rio de Janeiro.

De olho neles

No ano de 2012, durante os Jogos Paralímpicos de Londres, a chinesa e atleta Cuiping Zhang, com 24 anos de idade, conquistou não apenas para o seu país, mas também para a própria modalidade de tiro esportivo, a honraria de ter sido a única mulher a conquistar uma medalha em provas mistas: a de bronze na classe SH1 (carabina de ar, deitado). Durante os Jogos, foram realizadas um total de seis provas mistas, mas todas foram vencidas pelos homens.

Durante a mesma competição, a asiática venceu a prova de carabina 10 m, feminina, da classe SH1, conquistando um novo recorde mundial na prova, com uma pontuação de 500.9.

Apesar da ampla quantidade de medalhas conquistadas por homens nas competições mistas dessa modalidade, provavelmente porque eles também contam com um maior número de praticantes, a partir dessa primordial vitória feminina, pode-se aguardar uma ascensão das mulheres no ano de 2016, no Rio de Janeiro.

História de uma modalidade em pleno desenvolvimento

Como tratado anteriormente, a prática de tiro com armas de fogo iniciou-se paralelamente com o desenvolvimento delas, que ocorreu substancialmente entre o século XV e XVII. Porém só pode-se considerar o surgimento do tiro esportivo, a partir do século XIX.

O tiro esportivo também é resultado da dinâmica histórica que remete aos meados do século XX, momento no qual movimento paralímpico se desenvolveu, com o foco na reabilitação dos lesionados de guerra. No Brasil os primeiros registros do tiro esportivo para deficientes são datados nos anos 1970. Nesta

década ocorreu a primeira participação do tiro esportivo nas Paralimpíadas, em Toronto (1976). Foi pouco noticiado, mas o Brasil estava presente nesta edição inaugural. Os brasileiros que representaram o país foram: Robson Almeida, Manoel Alves, Jorge Ney e José Penna. A princípio poder-se-ia esperar que a modalidade se desenvolvesse motivada pela participação paralímpica, porém, o tiro esportivo adaptado no Brasil sofreu uma paralização entre 1976 e 1997, sem registros ou explicações sobre a baixa adesão à modalidade. Somente quando surgiu o Centro de Reabilitação da Polícia Militar do Rio de Janeiro, como intuito de reabilitar os policiais feridos em serviço, o paradesporto voltou a crescer. Resultados mais significativos vieram após investimentos feitos pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) em 2002. Tamanho foi o efeito do investimento que já em 2003 o Brasil conquistou o terceiro lugar no Aberto de Tiro de Apeldoorn (Holanda). Em 2006 a equipe nacional participou do Mundial na Suíça com bom desempenho e em 2008 retornou as Paralimpíadas de Pequim, após 32 anos da sua primeira participação.

Atualmente, o Brasil vive uma boa fase no tiro paralímpico. O que prova está afirmativa são os ótimos resultados e pontuações conquistados nas últimas competições nacionais e internacionais. Um dos exemplos é Geraldo Von Rosenthal, paratleta “gaúcho” que quebrou o recorde brasileiro na categoria P4 (pistola livre). Outro brasileiro em destaque é Alexandre Galgani, número um no mundo na categoria R9 (carabina). Entre as mulheres, Débora Campos obteve ótimos resultados na Copa do Mundo da modalidade que ocorreu na Croácia (2015). Débora é a paratleta mais importante do Brasil. Os três já conquistaram as suas respectivas vagas para as Paralimpíadas do Rio de Janeiro (2016), o que deixou o Coordenador Técnico da seleção brasileira, Fernando Cardoso, otimista e animado. A equipe técnica relata que pretende fazer apenas os últimos ajustes com o objetivo de conquistar a inédita medalha paralímpica.

Nosso destaque



Alexandre Galgani, paratleta brasileiro, em ação. Disponível em:
<<http://portalesportenet.com.br/brasil-comeca-2016-com-atletas-entre-os-tres-melhores-do-ranking-mundial-de-tiro-esportivo/>>

O atleta Alexandre Galgani terminou o ano de 2015 em primeiro lugar do *ranking* mundial de tiro esportivo paralímpico na categoria SH2, Carabina Deitado, 50 metros, misto.

Atualmente, com 31 anos de idade, Alexandre, nascido em Americana (no estado de São Paulo), perdeu parcialmente o movimento dos braços juntamente com o movimento completo de suas pernas aos 18 anos de idade, após um acidente no qual fraturou a coluna ao mergulhar em uma piscina. No ano de 2013 conheceu

James Neto, treinador da seleção brasileira de tiro esportivo. A partir disso, se mudou para Curitiba, para iniciar o treinamento

na modalidade tiro esportivo adaptado.

Assim, com muito treinamento e dedicação, teve a possibilidade de obter excelentes resultados, como o quarto lugar na prova de *Falling Target Rifle (FTR)* no Mundial de Suhl (Alemanha), no ano de 2014; ouro na carabina de ar, em pé e na carabina de ar, deitado, e prata na carabina 22, 50 m, na Copa Brasil de 2014, em Curitiba, onde reside.

Galgani representará o Brasil nas provas de classes R4 (carabina de ar, posição em pé, misto, SH1) e R5 (carabina de ar, posição deitado, misto, SH2) no mês de setembro, nos Jogos Paralímpicos no Rio de Janeiro (2016).

Para saber mais

ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES FÍSICOS DO PARANÁ

<<http://www.adfp.org.br/#!tiro-esportivo/c7tl>>

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION

<<http://paralympics.org.uk/paralympicsports/shooting>>

DISABILITY SHOOTING

<<http://www.disabilityshooting-gb.org/>>

IPC SHOOTING

<<http://www.paralympic.org/shooting>>

MELLO, M.C.; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

TEAM USA

<<http://www.teamusa.org/Home/US%20Paralympics/Sports/Shooting.aspx>>

USA SHOOTING

<<http://www.usashooting.org/about/paralympicshooting>>